

## Camilo

Olhava pastosamente pela janela do jornal. Chovia, e naqueles dias de chuva e de frio, Camilo sentia a estupidez da sua “missão” neste mundo. Sentia mais agora, depois de o terem enviado ao Texas, estagiar num lúgubre jornal de Austin. Porque se lembrava tanto disso? Afinal nem se dera mal no Texas. Seria por causa das penas de morte que o antigo governador, George W. Bush nunca comutara? Mas não devia ser; ele até simpatizava com esse homem. Voltara e voltara a sentir-se mal, na sua tarefa de cortar artigos, censurar ideias, dizer aos leitores o que se tinha passado, embora isso não fosse nada que apenas ele fizesse. Tinha amigos mais bem pagos que ele que o faziam com maior zelo “editavam” imagens em canais televisivos, diziam aos outros “olhem, vejam o que se passou hoje no mundo!” Havia teóricos que já se tinham referido a esse caso, diziam “a televisão é um olho, não uma janela”. Mas Camilo não queria saber disso, também não entendia muito bem essas teorias, sobretudo não lhes via a utilidade. Aliás, como lhe dissera Carlos, um velho professor endoidado que tivera, “há dois tipos de problemas, aqueles que podemos resolver e os outros.” Nem sabia se podia resolver problema algum, a não ser o problema da sua subsistência, e isso fazia-se cortando artigos, como quem trata de um jardim, podando arbustos. Júlia, uma colega da secção de desporto, achava que estavam ali como quem está numa fábrica de salsichas, “para obedecer ao patrão.” Olga, uma colaboradora para assuntos científicos, licenciada em Física, dissera-lhe: “a democracia não é o que parece, como aliás todas as coisas!” Ficava sempre meio espantado com as considerações dessas pessoas, não as entendia bem. Pereira, o seu chefe, homem de “letras gordas”, fiscalizava com afinco as “letras gordas” do jornal. Camilo suspeitava que Pereira não tinha cultura para mais, nem paciência para ler todas as baboseiras que o jornal publicava. Mas, pelo sim pelo não, à cautela, ia cortando tudo o que lhe parecesse “mal”. Às vezes cortava sem saber porquê, mas achava melhor assim; antes mau e ao gosto dos chefes que qualquer outra coisa. Por vezes sobravam espaços nas páginas, mas sempre havia umas fotos de qualquer coisa para colocar nos espaços vazios. Era como a televisão: às vezes não havia tempo para entrevistar um cientista, mas para outras coisas tempo não faltava. Naquele dia estava desiludido. Acabou por se sentir meio enjoado, com náuseas, sentia tudo nauseabundo ao seu lado! Pediu para falar com o Director do jornal! Nunca tinha falado com ele, e temia-o. O homem chegava sempre a horas estranhas, não era dado a conversas, tratavam-no com a distância conveniente. Leopoldo, chamava-se o Sr. Director. Mas toda a gente lhe chamava “Sr. Doutor”, embora soubessem que não era licenciado em nada. E havia piadas sobre Leopoldos, Leonardos e Leopardos, mas o Sr. Dr. Leopoldo, se as conhecia, não lhes ligava. Camilo expôs-lhe o seu caso. “Sinto-me mal, doutor, passo a vida a dizer meias-verdades, ou meias-mentiras, já nem sei.” O Director olhou para ele e disse: “o mundo é uma

boneca russa! Eu sou para outros, o que você é para mim! Compre um hamster!” Camilo ia falar, mas o homem, impaciente, mandou-o embora. Tempos depois, ao alimentar o seu hamster, a quem chamara Leo, por vingança de Leopoldo, compreendeu a mensagem! Leo comia-lhe à mão, ele alimentava-o quando queria, dava-lhe água, em troca o animal não colocava questões, mas tinha uma vida confortável, atendendo a que, afinal, era apenas um hamster. Será isto a democracia? Havia uma nova colaboradora do jornal, era Bióloga, tinha que lhe perguntar: “será que, cada um de nós, é, à sua medida, um hamster, ou deve procurar sê-lo?”

Carlos Mota.